

A ABORDAGEM WEBERIANA DOS VALORES NO ESTUDO DAS FORMAÇÕES SOCIAIS

Antônio Frederico Zancanaro *

A questão dos valores, em Max Weber, vem intimamente associada à sua investigação sobre os fatos humanos. Os fatos humanos, no entender do autor, constituem-se em complexas manifestações da multifacetada natureza humana. Ao indagar sobre as "construções mentais" que norteiam a vida do homem e lhe condicionam a praxis, Weber quer buscar uma formulação teórica que as torne compreensíveis. Os fatos, quer individual, quer socialmente postos, vem carregados de sentido, embora, nem sempre racionalmente acessíveis. Isto porque, o agir humano concretiza-se a partir de motivações e interesses, por vezes, não explícitos. Perseguir, portanto, uma compreensão, o mais próxima possível da verdade dos fatos, é tarefa que exige profundo esforço análise. Para Weber, o problema começa no próprio tema da compreensão.

O tema da compreensão em Weber, afirma o autor de "Ensaio de Sociologia", pode ser focado de dois pontos de vista distintos: O primeiro, em relação ao próprio sujeito interessado; o segundo, em relação ao fato, em si mesmo, enquanto envolve outros seres humanos, quer individual, quer grupalmente constituídos. No primeiro caso, pela introspecção torna-se possível ao homem compreender e avaliar suas próprias intenções; no segundo, é possível reconstituir os motivos e interesses que os levaram ou levam a agir de determinada maneira. Em ambos os casos, a ação nitidamente racional é a mais compreensível. As ações que vem envoltas em "fins absolutos" - sentimentos, afetos ou elementos tradicionais - são as mais carregadas de irracionalidade. Por isso, são as mais difíceis de interpretar. "Como os fins absolutos devem ser tomados pelos sociólogos como elementos "dados", interpreta Gerth, uma ação pode ser racional em relação aos meios empregados, mas irracional em relação aos fins visados. (...) a conduta tradicional - irrefletida e habitual - esse tipo é sancionado porque "sempre foi assim", sendo, portanto, considerada como conduta adequada" (1). Compreensão e interpretação devem levar em conta, pois, o homem como agente intencional. Mas a intencionalidade não configura atestado de racionalidade da ação.

Partindo do princípio de que, o homem é, por natureza, um ser racional, fato algum, no entender de Weber, pode ser tomado isoladamente para análise. Há sempre um corpo de relações que condicionam os indivíduos e os grupos e, assim, um fato e outro. Constitui-se tarefa do pensamento torná-lo compreensível.

(1) Gerth, H.H. et alii. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1974, p. 74.

Qual, portanto, o sentido real subjacente às ações dos indivíduos e dos grupos sociais? Até que ponto as aparências exteriores expressam as reais motivações internas dos indivíduos, singular ou socialmente constituídos?

Motivações e interesses expressos constituem-se, para o autor, apenas a parte visível de um mundo secreto, em cujo conteúdo significativo se esconde a verdade última dos fatos e do homem. Cabe aos esforços da racionalidade perscrutar o conteúdo velado daquelas manifestações e formular o discurso compreensivo. Ao propor-se tal ponto de partida, afirma Bendix, Weber (...) "adotou uma posição de dissidência com o século XVIII - que concebia a racionalidade da ação moral, contrapondo-a à história, aos interesses de classe ou ao costume estabelecido - e dissidente também em relação ao século XIX, caracterizado pela tendência de redução do indivíduo e de seus valores a um processo biológico ou social" (2).

Os fatos humanos individuais e sociais constituem-se, portanto, segundo Weber, em manifestações complexas, para cuja constituição concorrem múltiplos fatores, alguns de muito difícil análise. Ao presente estudo interessa apenas a concepção weberiana de valor, enquanto elemento importante para a compreensão das formações sociais.

1. Os valores como concreção do humano

A evolução social não é fruto de mecanismos deterministas: assim poderia ser formulada a hipótese weberiana de trabalho sobre os valores nas formações sociais. Há dinamismos internos no homem, que lhe possibilitam criar novos valores, explorando horizontes conhecidos ou alterando o curso de valores herdados. A idéia mudancista, de caráter determinista, é por ele radicalmente descartada. A esta opção a concepção de que o homem evolui, não por saltos qualitativos, mas por motivações e interesses de conteúdo valórico, os quais encontram na herança cultural sua base de concreção. Isto significa dizer que, não admite qualquer espécie de ruptura entre o passado e o presente. O horizonte histórico presente e o horizonte histórico futuro em perspectiva constroem-se sob a égide de valores culturais anteriormente elaborados. E, em sentido oposto, barreira alguma consegue deter as fronteiras do esforço inovador do homem. Sem ser pragmatista, diz Bendix, Weber concebia o empenho inovador como uma tendência tipicamente humana. Mas, o novo em relação estreita com os elementos arquetípicos que lhe conferem sentido.

O sentido maior das criações culturais, para o sociólogo alemão, advém da atividade criadora do homem. Esta é expressão da liberdade constitutiva da natureza humana. Nada do que é humano se torna cabalmente inteligível se for descartada a

(2) Bendix, Reinhard. *Max Weber, Um Perfil Intelectual*. B. Aires, Amorrortu Editores, 1960, p. 441.

perspectiva ética da ação. Pelo que, o progresso se dá em direção a uma perfeição moral, apesar dos avanços e recuos da realidade humana concreta. Não se pode, pois, conceber as criações espirituais como produtos acabados. Pelo contrário, os valores culturais, radicando no passado, moldam-se e moldam o contexto social e histórico da coletividade. Nem só de racionalidade e nem só de irracionalidade se fazem tais criações. Há um processo, um ir e vir, uma interação e, quando não, uma luta entre o passado e o presente, cuja dinâmica conduz à formação de novos valores. Um sentido novo se dá na relação social quando os fatos se tornam significativos para o indivíduo ou para o grupo porque dizem respeito a coisas e a situações concebidas como valiosas. Essa relação não é de mera causa e efeito, mas aponta para uma multiplicidade de razões que permitem o despontar de valores assim produzidos pelas motivações e interesses de pessoas e grupos.

Para o autor, ao se pretender estudar as criações morais não se pode recorrer aos mesmos esquemas rígidos da racionalidade objetiva aplicados às ciências físicas - mas, pela mesma racionalidade há que se poder alcançar "certezas prováveis". Os comportamentos humanos possuem um sentido. É tal sentido que a análise procura captar numa síntese compreensiva. Os "tipos ideais", como as criações mentais, são instrumentos que possibilitam tornar inteligíveis a realidade concreta e permitem tornar compreensíveis fenômenos humanos mais complexos. Ora, sabe-se que a ação concreta das pessoas historicamente situadas repercute em várias direções: do indivíduo para a sociedade, do indivíduo para o grupo, do grupo para o indivíduo, da sociedade para o grupo, dependendo das motivações e interesses em jogo. Nenhuma criação, porém, é aleatória. Os indivíduos criam e induzem a novos comportamentos outros indivíduos, grupos ou sociedades, a partir de motivações e interesses pessoais. E a sociedade reforça e induz os indivíduos a acatarem novos valores, também por força de motivos e interesses igualmente fortes. Isto decorre, mais uma vez, do fato de que, o homem é por natureza um ser racional. Mas, acrescentaria Bendix, Weber inovou um pouco mais, ao reconhecer que (...) "a ação em sociedade comporta igualmente uma dimensão individual, que pode ter sentido para o indivíduo independentemente de suas interações com os outros" (3). Weber entendia, pois, que existe uma estreita interdependência entre a regra - aposta pelo indivíduo e acatada pelo grupo - e a "novidade", dada empiricamente como válida. Vislumbrava, porém, uma continuidade significativa no comportamento social que dela resulta. Então, tanto a ação individual, mesmo que condicionada pelas expectativas sociais do grupo, como a ação social deste, mesmo que condicionada pela inspiração do indivíduo, caminham juntas e são fonte de valores. Os valores, portanto, procedem das múltiplas ações concretas que se produzem no contexto das relações sociais.

(3) Idem. Op. cit. p. 442.

Como explicar, pois, a permanência de determinados padrões de comportamento moral se não se compreender o significado que o respectivo grupo atribui? Os homens são seres culturais, entende Weber. Como tais, possuem capacidade e interesse em portar-se de forma racional frente à ação que produzem e às realidades que os envolve. Como seres culturais, no entanto, não agem sempre de maneira consciente e reflexiva. Há muito de irracionalidade em seus comportamentos e ações concretas. Mas, há que se reconhecer que, - interpreta Bendix - para Weber, (...) "em todo comportamento e até no mais comum, entranham-se profundamente crenças e pressupostos básicos, sem os quais, não poderiam funcionar" (4). Muitos desses pressupostos, acrescenta, são marcadamente irracional. Há racionalidade na ação quando esta se orienta na direção de objetivos claramente definidos e formulados e quando os meios escolhidos para a sua consecução são previstos e adequados. Há irracionalidade quando se dá a ausência daquelas condições prévias. Nem por isso, contudo, é permitido estabelecer limites rígidos entre o comportamento racional e o irracional. Existe uma impossibilidade prática de se encontrarem "ações puras". No entanto, para que a análise permita a distinção clara entre um fenômeno social e outro, é preciso que os conceitos sejam claramente formulados. I. é, que as propriedades expressas pelo conceito sejam nitidamente verificáveis nos fenômenos sociais em questão. Há uma gama de valores que de forma implícita ou explícita atuam sobre o comportamento quer dos indivíduos e dos grupos. Motivações e interesses individuais e coletivos levam os homens a cultivar, promover e a identificar-se com aqueles valores. Isto não significa dizer que em todas as circunstâncias os homens procedem com conhecimento de causa. Parece mais provável que na maior parte dos casos o comportamento ocorra de forma não reflexiva.

O fato social, portanto, não pode ser explicado por si mesmo, sem relação com outros fatos, como ocorre nas ciências naturais. O sentido de um fato aponta para uma amplitude de outros fatos correlatos que permitem um conhecimento mais profundo. Há uma multiplicidade de elementos relacionais que devem ser levados em conta se quisermos obter um conhecimento amplo e profundo. Há uma confluência de fenômenos sócio-culturais que se implicam mutuamente, determinando o surgimento de novas posturas morais.

(4) Idem, Ibidem. p. 257.

2. Os meios e os fins nas criações culturais políticas

A racionalidade e/ou irracionalidade que perpassa as ações humanas não é estática. Ela só é perceptível, diz Weber, no fato concreto. A ação delimita-se pelos meios e pelos fins que estão em jogo.

Na introdução ao livro *"Ciência e Política, Duas Vocações"* Manoel Berlink afirma que o grande objetivo de Weber foi o de estudar os mecanismos instauradores da racionalidade nas ações humanas. Qual a natureza, condições e consequências da racionalidade? Berlink afirma que, "Weber acreditava que toda ação humana é realizada visando determinadas metas - concepções afetivas do desejável - ou valores. Tais valores são fenômenos culturais e pressupõem bases extracientíficas" (5). Com isto quer dizer que o valor não pertence às coisas em si, mas ao conhecimento que delas se tem. A compreensão das coisas vem expresso numa afirmação ou juízo carregado de valor. As coisas em si mesmas não são nem falsas e nem verdadeiras, nem boas e nem más. São simplesmente o que são. Verdadeiro ou falso é o juízo que a racionalidade emite sobre elas. Nos juízos ou julgamentos é que se fazem os valores culturais. Estes, como já foi afirmado acima, são inexplicáveis pelas categorias de causa e efeito. Sua procedência se dá numa constelação de fatores não mensuráveis pela análise. Mas, o agir pertence à natureza essencial do homem. O bem e o mal, pois, são inerentes à opção efetuada e não às coisas em si mesmas. As opções é que contém, em última instância, o julgamento de valor.

A partir desse raciocínio depreende-se que, para Weber, toda ação envolve uma escolha. E, na escolha se dá o valor. Concretamente, a atividade racional da qual emerge o valor ocorre em vários momentos significativos: Primeiro, na adequação do comportamento ao objetivo colimado. Da perfeita adequação entre os dois se determina a eficácia da ação. Segundo, a seleção daquele curso que apresenta a melhor alternativa. Quanto mais racional o curso, tanto mais chance de propósitos explícitos e/ou implícitos vingarem socialmente. Terceiro, a seleção dos valores dentro de uma hierarquia racional. Essa depende estritamente da análise reflexiva. Por não poder realizar duas opções simultaneamente de forma claramente racional, o homem está sempre em processo de efetuação de opções.

Em sua conferência sobre o tema "Política como Vocações", Weber afirma que, político por excelência é aquele que orienta sua ação por três qualidades básicas: uma dedicação inquebrantável a uma "causa"; um sentido de responsabilidade; um senso de proporção. Harmonizar as três representa o grande desafio. Mas, alcançar o equilíbrio em tal tarefa envolve opções racionais, i. é, a seleção de comportamentos, caminhos e valores. Mesmo assim, constata Weber, (...) "o resultado final da atividade política raramente corresponde à intenção original de seu agente" (6).

(5) Weber, Max. *Ciência e Política, Duas Vocações*. São Paulo, Cultrix, 1968, p. 10.

(6) Idem. Op. cit. p. 108.

De outro lado, pensa Weber, as opções na ação política variam de um agente para outro, de um partido para outro, de um grupo social para outro, de um Estado para outro, de uma sociedade para outra. Enfim, há orientações valóricas que acabam gerando estruturas e formações sociais de diferentes matizes. Isto decorre do princípio de que, a política é por excelência uma empreitada de interesses em jogo. Há interesses individuais, de classe, de clãs, de grupos, de partidos, da sociedade global, envolvendo motivações explícitas e/ou implícitas.

Em sendo assim, como se dão os valores políticos?

Conforme foi apontado acima, para o autor, se fazem necessários certos bens materiais e certos bens morais para a sustentação dos sistemas de dominação. O que está em jogo em última análise são interesses pessoais, quer do dirigente máximo, quer do quadro administrativo, quer de outros agentes, de acordo com o modelo de dominação em vigor. Todos os envolvidos constituem-se em criadores de valores políticos. A luta incansável pela consolidação de suas posições os induz à criação de um conjunto de instrumentos adequados aos fins colimados. Feitos de idéias e de ação, aqueles esforços conduzem à produção de novos valores. Estes aos poucos passam a fazer parte das expectativas de toda a coletividade ou de grupos significativos dentro dela. Pouco importa o matiz daquelas construções. Importa, sim, investigar a mentalidade que permitiu o seu aparecimento e transformação em orientação permanente ou predominante de pensar e agir da sociedade.

Aponta, também, o autor, para as múltiplas estratégias que são postas em prática pelos detentores do poder político, com vistas à sua perpetuação no posto de mando: concessão de vantagens pecuniárias, privilégios, doações, favores, prebendas, bens imóveis, tudo contribui para a manutenção dos valores políticos vigentes e para o condicionamento das consciências, dando, assim, origem a novos comportamentos e padrões de valor. Em outras palavras, as motivações mais fortes produzidas pelo status quo político reforçam as predisposições a fazer valer os interesses pessoais e de grupos com vistas à manutenção e dilatação do poder. Na verdade, os valores novos aparecem inicialmente encobertos por determinadas tendências que se vão formalizando ao longo do tempo. Há como que o nascimento de um estado de espírito que, ao tornar-se duradouro, passa a fazer parte do modo de pensar e agir do grupo, partido ou sociedade. Seja de que gênero for, haverá sempre uma crença nos valores a serem promovidos. Ou então, o político deixaria de ser político para cair no anonimato.

Existe, pois, um ethos que perpassa a atividade política. Enquanto "causa" a defender, a atividade conduz em seu bojo uma carga de valores que o agente político pretende promover. Senão, a atividade perderia o seu sentido, deixando de ser política. O sentido mais racional da política está no ethos, na carga de valores que ela, explícita ou implicitamente, promove. Mesmo que o agente não reconheça de público as reais intenções de seu agir, estas marcas sua presença no conjunto de valores

que lhe dão consistência. Mesmo o falseamento dos reais problemas, motivos ou intenções - embora, atitude abominável, diz Weber - é portador de valores. Pelo que, as criações culturais políticas se dão na ambivalência da realidade humana concreta. Valores e anti-valores são consequência do acatamento de motivações intencionalmente aceitas como verdades pessoais. Daí as divisões em classes, partidos, castas, clãs familiares. O que determina tais situações são os valores que embasam as convicções pessoais de cada grupo. No vai-e-vem da experiência cotidiana, o homem cria a cultura política, seus valores e anti-valores.

Acrescenta ainda que, a força específica da política reside na violência legítima, cujo uso é tomado como prerrogativa exclusiva dos dominadores. Os sentimentos e interesses do chefe e de seus partidários determinam a exequibilidade de determinados fins. O chefe possui motivações que não podem ser ignoradas. "Ele terá seus partidários sob domínio, diz Weber, enquanto fé sincera em sua pessoa e na causa que defende seja depositada pelo menos por uma fração desses partidários, pois, jamais ocorreu que sentimentos idênticos inspirem sequer a maioria de um grupo humano. Aquelas motivações e convicções, mesmo quando subjetivamente as mais sinceras, não servem, em realidade e na maioria das vezes senão para "justificar" moralmente os desejos de vingança, de poder, de lucros e de vantagens" (7). Mas, nem por isso deixam de se constituir em fonte de valores.

O futuro das sociedades, segundo o autor, encontrará seu equilíbrio a partir de valores plenos. Por valores plenos entende aqueles valores que levam em conta a ética fundada na pura razão e a ética fundada nas convicções. Quem apelasse apenas para uma ética de convicção correria o (...) "risco de provocar danos grandes e descrédito, cujas repercussões se farão sentir durante gerações várias, porque não existe responsabilidade pelas consequências. Neste caso, em verdade, o agente não tem consciência dos diabólicos poderes que entram em jogo. Ora, esses poderes são inexoráveis e, se o indivíduo não os percebe, será arrastado a uma série de consequências e a elas, sem mercê, entregue; e as repercussões se farão sentir não apenas em sua forma de atuar, mas também no fundo de sua alma" (8).

Pode-se, portando, concluir que, para o sociólogo alemão, o político autenticamente humano age sempre buscando harmonizar valores. O ponto de vista meramente ideológico que induz certos agentes políticos a lançarem-se na busca irracional de determinados objetivos tende a produzir múltiplos anti-valores, porque, calcados em comportamentos e ações oriundas da irracionalidade. Saber adequar meios e fins, eis o segredo maior da atividade política e a fonte de criações de valores políticos racionais.

(7) Weber, Max. Op. cit. p. 119.

(*) Autor:

Prof.º Antônio Frederico Zancanaro

Professor de Filosofia do Centro de Estudos Superiores de Londrina e
Universidade Estadual de Londrina